

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nathália de Oliveira S. Barbosa  
Viviane Nascimento de Oliveira

**DIABEHISSO ?**

CFCH/ECO

2005

## **DIABEHISSO?**

Nathália de Oliveira Souza Barbosa  
Viviane Nascimento Oliveira

Trabalho apresentado ao Curso  
de Graduação em Jornalismo da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
como requisito para a conclusão do curso.

Prof. orientador: Professor Fernando Álvares Salis

Rio de Janeiro  
2005

## DIABEHISSO?

Nathália de Oliveira Souza Barbosa

Viviane Nascimento Oliveira

Relatório técnico submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação – ECO, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Aprovado por:

\_\_\_\_\_ – Orientador  
Prof. Fernando Álvares Salis, Mestre em Comunicação, ECO/UFRJ

\_\_\_\_\_

Prof. Fernando Antônio Soares Fragozo, Doutor em Comunicação, ECO/UFRJ

\_\_\_\_\_

Prof. Maurício Lissovsky, Doutor em Comunicação, ECO/UFRJ

\_\_\_\_\_

Profª. Raquel Paiva de Araújo Soares, Doutora em Comunicação, ECO/UFRJ

Rio de Janeiro

2005

BARBOSA, Nathália de Oliveira Souza; OLIVEIRA, Viviane Nascimento de

Diabehisso? / Nathália de Oliveira Souza Barbosa e Viviane Nascimento de Oliveira – Rio de Janeiro, 2005.

xIv, 55f.: il.

Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2005.

Inclui VHS de 13 min.

Orientador: Fernando Álvares Salis.

1. Cultura Popular 2. Comunicação Social 3. Telejornalismo – Projeto Experimental. I Salis, Fernando (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

Nathália e Viviane agradecem

Jonas Barbosa, Fernanda Barbosa, Saulo Oliveira, Guilherme do IPHAB, Camila Anacleto, Edílson Salles, Carlos Maciel, Gilda Moll, Secretaria de Cultura de Duque de Caxias, Seu Silas, Paulo Gomes, Ricardo Alexandre C. da Silva e a todos que contribuíram para a viabilização e pela grande ajuda neste projeto.

## RESUMO

BARBOSA, Nathália de Oliveira Souza, Oliveira, Viviane Nascimento. **Diabehisso?**. Orientador: Fernando Álvares Salis. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo)

Vídeo de aproximadamente 13', produzido em formato digital com elementos de documentário e ficção. Verificação da possibilidade de narração de histórias verídicas e factuais com inserção dramática. Utilização de fio narrativo com apresentação de repórter *freelancer* e sua elaboração de reportagem sobre a Feira Livre de Duque de Caxias. Exposição do conflito entre a visão crítica da jornalista e os interesses da empresa de comunicação originada pela complexidade social e riqueza cultural da feira caxiense. Apropriação da meta-narrativa, para revelação de personagens, histórias reais e fictícias e processo de transformação de uma pauta simples em exercício de reflexão ética. Relativização entre verdades e mentiras no olhar de estudo do objeto e sua transmutação em exposição do investigador repleto de dúvidas, anseios e desafios de seu cotidiano.

CULTURA POPULAR, COMUNICAÇÃO SOCIAL, TELEJORNALISMO

**ABSTRACT**

BARBOSA, Nathália de Oliveira Souza, Oliveira, Viviane Nascimento. **Diabehisso?**. Orientador: Fernando Salis. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo)

Vídeo aproximatly 13' produced in a digital form with documentary and fiction elements. True and factual histories narrative's possibility checking with dramaturgic insertion. To make use of a narrative conductor introducing a freelancer reporter and her report development about Duque de Caxias Free Fair. Exposition of the controverse between the journalist's critical vision and the communication enterprise's interest caused by the social complexity and cultural richness of the caxiense fair. Use of the meta-narrative to reveal persons, true and fictitious histories and turning process of a simple agenda I a ethical reflection exercise. Truths and lies became relatives in the vision of the subject study and it's change to how a inquirer full of doubts, desire and challenges in his everyday.

POPULAR CULTURE, SOCIAL COMUNICATION, TELEJORNALISM

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 01:** Tabela de Custos operacionais das bases de produção

**Figura 02:** Tabela de Pré-produção

**Figura 03:** Tabela de Produção

**Figura 04:** Tabela de custos de Transporte

**Figura 05:** Tabela de custos Cenografia

**Figura 06:** Tabela de custos Equipe

**Figura 07:** Tabela de custos de Alimentação

**Figura 08:** Tabela de custos de Elenco

**Figura 09:** Tabela de custos de Equipamento

**Figura 10:** Tabela de custos de Produção de Som

**Figura 11:** Tabela de custos de Produção de Imagem

**Figura 12:** Cronograma

**Figura 13:** Tabela de Dias de Gravação

**Figura 14:** Tabela de Horas de Pós-Produção

**Figura 15:** Logotipo do filme

**Figura 16:** Capa do filme

---



## **LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS**

**Apêndice A:** Roteiro

**Apêndice B:** Material gráfico do vídeo

**Apêndice C:** Pauta da Entrevista com feirantes

**Apêndice D:** Pauta da Entrevista com pesquisador do IPHAB

**Anexo 1:** Páginas da internet visitadas

## SUMÁRIO

1. <b>TEMA, FOCO E INTENÇÃO</b> .....	11
2. <b>VÁRIAS HISTÓRIAS EM UM MESMO FATO</b> .....	13
3. <b>REAL E FICCIONAL</b> .....	19
4. <b>ORÇAMENTO</b> .....	23
5. <b>METODOLOGIA</b>	
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO .....	26
5.2 PRODUÇÃO .....	28
5.3. PÓS-PRODUÇÃO .....	29
5.3.1 Créditos.....	30
5.3.2 Músicas.....	31
8. <b>REFERÊNCIAS</b> .....	33
9. <b>REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS</b> .....	34
10. <b>APÊNDICES</b>	
10.1 ROTEIRO.....	39
10.2 MATERIAL GRÁFICO DO FILME.....	52
10.3 PAUTA DE ENTREVISTA COM FEIRANTES.....	53
10.4 PAUTA DE ENTREVISTA COM PESQUISADOR DO IPHAB.....	54
11. <b>ANEXOS</b> .....	55

## **1. Tema, foco e intenção**

Desenvolver um trabalho que expressasse de forma prática o que apreendemos durante nosso curso de jornalismo. Essa foi a resolução a qual chegamos e o desafio que assumimos ao nos questionarmos sobre que tipo de projeto apresentaríamos no fim de quatro anos de Escola de Comunicação. Optamos pela produção de um curta-metragem, pois, uma criação audiovisual nos daria possibilidade de uma abordagem dinâmica e a tentativa de buscar algo diferente no nosso campo de atuação. Incentivou-nos também a chance de criar e trabalhar em uma área que nos interessa, mas, que tivemos pouca oportunidade de explorar durante o curso.

A escolha da Feira Livre de Duque de Caxias como objeto de estudo e, ao mesmo tempo, pano de fundo para a nossa discussão a cerca do exercício do jornalismo baseou-se no desejo de propor assuntos pouco difundidos no meio acadêmico e retomar antigas dúvidas e questões ainda por resolver. Nossa intenção era realizar um trabalho que fosse útil também como registro de alguma característica da contemporaneidade, sem que assumíssemos uma postura passiva diante dos fatos. Além de documentar, desejávamos analisar os acontecimentos.

Procurávamos um tema relacionado com o povo, a história ou as condições de vida da Baixada Fluminense. Nosso trabalho seria uma tentativa de descrever essa região de grande importância econômica e social, sem os estereótipos de pobreza, violência e atraso que a caracterizam na mídia. Com treze municípios (Itaguaí, Paracambi, Seropédica, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Magé e Guapimirim) e cerca de três milhões e trezentos mil habitantes, a Baixada Fluminense representa o segundo maior colégio eleitoral do Estado do Rio de Janeiro – aproximadamente três milhões de eleitores – e o quarto mercado consumidor em todo o país,

respondendo por 12% do PIB1. No entanto, a história e cultura do lugar são pouco noticiadas, ensinadas, incentivadas e, conseqüentemente, desconhecidas até mesmo de quem vive na região.

Com sua riqueza cultural e complexidade social, a Feira de Caxias se encaixou nos nossos anseios. Conhecida também como “Feira Nordestina”, devido ao comércio intenso de artigos típicos do Nordeste brasileiro e pela cidade ter sido o destino de boa parte dos imigrantes oriundos dessa região, a feira livre, no entanto, apresenta uma grande variedade de produtos – de gêneros alimentícios ao artesanato, de artigos eletrônicos a animais – além de se consolidar como uma opção de lazer. A diversidade de produtos reflete a variedade de consumidores, moradores e visitantes.

O comércio que nasceu ao longo da linha férrea com pequenos agricultores, hoje parece ter encontrado ponto fixo e se transformou num mar de barracas que toma o centro da cidade. Segundo dados oficiais, cerca de cinco mil pessoas circulam pelo local todos os finais de semana. Parte relevante da história da região, seu início tem data anterior à emancipação do município.

Aproveitando a forte presença de nordestinos na feira e no município, desde 1998, ocorre o projeto Forró na Feira. A iniciativa veio para incentivar a caracterização do local como referência da cultura do Nordeste brasileiro e reafirmar a feira como ponto de lazer e atração turística da cidade.

Com o fluxo migratório para as metrópoles provocado pelas grandes secas no Nordeste e o alto custo de vida na cidade do Rio de Janeiro, os imigrantes chegaram a Baixada, principalmente durante as décadas de 60 e 70. O lendário Tenório Cavalcanti, o Homem da Capa Preta, foi uma figura marcante dessa época, responsável pela vinda e

---

1 Fonte – site da Secretaria de Estado, Ciência e Inovação.

acomodação de famílias inteiras. Devido à proximidade com a capital, Duque de Caxias polarizou esse fluxo, transformando-se no grande reduto nordestino do estado.

A tradicional feira livre que acontecia aos domingos há mais de 50 anos, ficou conhecida também como feira nordestina. Porém, essa é apenas uma de suas múltiplas faces. Ao longo das ruas, percebe-se a divisão em departamentos: produtos típicos numa determinada parte (a central, por isso a identificação imediata com a cultura do Nordeste), em outra, roupas e artigos diversos, na terceira, hortifrutigranjeiros, em outras áreas, mais escondida, venda de animais e produtos usados.

Os vários aspectos que a feira possui, tanto no sentido econômico, político, social e cultural, associado a sua história, a torna um patrimônio da região e justifica a necessidade de registro e documentação das suas características.

## **2. Várias Histórias em um Mesmo Fato**

A mídia exerce uma enorme influência na sociedade contemporânea. Os meios de comunicação de massa se tornaram a “praça pública” da atualidade, sendo responsáveis pela circulação de parte significativa das informações consideradas de maior relevância, promovem discussões que, em instantes, tomam proporções gigantescas. O jornalismo, por sua vez, é o setor que desfruta de maior credibilidade perante o público. O aval da verdade, com o qual se reveste, transforma em certo o que por vezes ainda é dúvida ou dissemina a mesma incerteza. Tal característica deixa o canal impregnado da marca do crível, de uma estrutura que mantém uma relação da notícia confiável ao espectador, embora nem sempre as fontes utilizadas por esses profissionais sejam satisfatórias.

O poder de verdade do discurso jornalístico abrange a sociedade e se reforça através de uma retro-alimentação constante entre os variados tipos de mídia. A existência de empresas que abrangem diferentes formatos de meios de comunicação, através de jornais, canais de televisão, sites de internet e emissoras de rádio formam paradigmas de discurso e penetração em seu público ao mesmo tempo envolventes e limitadores. A linguagem disseminada busca uma simplificação demasiada do assunto para maior identificação ao mesmo tempo em que utiliza a objetividade e mascara a escolha pessoal por uma pauta e a orientação de seu desenvolvimento, demonstrando assim, uma versão revestida de factual, de verídica. O padrão de qualidade utilizado para conferir valor ao que se convencionou bom, agradável e inteligível exclui qualquer outro tipo de narrativa na produção jornalística. Tal “formação visual” adotada pelo telejornalismo não dá lugar a outras produções que contribuiriam, sem dúvida, para a informação do telespectador. Não se trata apenas da informação da notícia, do factual, mas também do incentivo ao conhecimento, de outras formas de arte e a inclusão nesse processo criativo.

No limite entre a ética e a obrigação de “informar”, muitos profissionais se vêem obrigados a escolhas freqüentes, hierarquizações e eleições para completar as páginas de jornal e revistas, os milhares de sites e programas de TV. A intensa demanda de informação em ritmo acelerado, exige a busca frenética por notícia, na qual o profissional se vê cada vez mais apressado e adiantado no exercício de sua profissão. A apuração jornalista tem como o aparelho telefônico, além também do e-mail, sua principal fonte e meio de comunicação. Não há tempo para a elaboração das reportagens e para escolha de personagens e entrevistados.

O melhor é o mais rápido, o mais acessível, a pessoa que sempre presta declarações à mídia. O especialista, dono da verdade, que reforça, com a autoridade de estudioso, a

opinião do repórter. Trata-se de um círculo vicioso entre o que se quer ouvir, da parte do repórter e o senso comum do discurso já dado. Ao citar como exemplo uma reportagem sobre gravidez na adolescência, a preleção do profissional de comunicação fica em torno de exemplos de meninas que tiveram filhos e encontram dificuldades em criá-los. Tal linha narrativa é acompanhada por um sexólogo ou psicólogo que garante com seu discurso científico os malefícios psicológicos e sociais de uma maternidade precoce. Pouco se considera a opinião da família ou da entrevistada. A fala do especialista comprova a realidade, com base teórica da experiência e impõe como absoluto, um fato que é relativo e pessoal, e que pode ter mil outras possibilidades de desfecho. A ausência de discussão, reflexão ou qualquer forma de questionamento deixa, freqüentemente, a marca da superficialidade no ambiente televisivo. Michel Foucault em *A ordem do discurso* revela a estrutura social da interdição da fala, método absorvido pelo jornalismo em sua composição narrativa:

“Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam...” (FOUCAULT, 1970: 9).

Impregnado pela metodologia científica, o trabalho jornalístico segue as normas das fontes seguras, da confiabilidade das informações e de quem as profere como trata a citação acima. A posição de especialista como homem do saber confere veracidade ao discurso

graças à posição ocupada pelo indivíduo que opina e dá crédito ao relato anterior do reporte. O lugar da fala, neste caso, é bem delimitado e consolidado numa linguagem que a todo momento se auto-reforça e se pretende verdadeira.

Os conceitos da profissão são tema de farto material bibliográfico, contudo, propomos, através de novas práticas jornalísticas, a produção de reportagens e documentários com linguagem livre de jargões e movimentos de câmera desgastados pelos principais veículos de transmissão telejornalística, padrão já consolidado pelo telejornalismo brasileiro e que corrobora para uma “pacificação” do assunto abordado.

“A televisão pode reunir em uma noite diante do jornal das 20 horas mais pessoas do que todos os jornais da manhã e da noite reunidos. Se a informação fornecida por tal meio se torna uma informação ônibus, sem aspereza, homogeneizada, vêem-se os efeitos políticos e culturais que podem resultar disso... quanto mais um órgão de imprensa ou meio de expressão qualquer pretende atingir um público extenso, mais ele deve perder suas asperezas, tudo o que pode dividir, excluir” (BORDIEU, 1997:62, 63).

Consideramos a possibilidade de narração de histórias verídicas e factuais com inserção dramática, cujo fio narrativo apresenta uma repórter *freelancer*, responsável pela reportagem sobre a Feira Livre de Duque de Caxias, seu início, sua relação com a imigração nordestina para a Baixada Fluminense e posterior transformação em opção de lazer. A escolha de uma personagem ligada ao meio jornalístico proporciona uma reflexão sobre nossa profissão, sua prática e suas limitações, sendo, de certo modo, um recurso de crítica à simplificação de temáticas, à linguagem utilizada, ao estereótipo feito para entendimento massivo, à falta de comprometimento social na discussão de políticas; enfim,



ações que o profissional de comunicação realiza com as escolhas que faz, ainda que não completamente consciente delas.

A preferência pela pauta de comportamento, no caso da Feira Livre de Duque de Caxias, revela a complexidade que uma matéria dita comportamental possui. A personagem introduz os elementos que diferenciam sua concepção, (conseqüentemente a nossa concepção) da cultura nordestina presente na feira, das reportagens convencionais que trazem como exótico comer macaxeira e dançar forró, consenso vigente por alguns meios de comunicação que privilegiam o público classe média morador da zona sul da cidade. Aproveitamos o impasse de nossa dramaturgia para refletir sobre como o jornalismo incorpora essas outras realidades de uma metrópole tão heterogênea e tão aglutinada como é o Rio de Janeiro, através da dificuldade que a personagem encontra em narrar histórias de pessoas e situações vividas durante a produção da matéria e a oposição de seu contratante Marcos, que vê com mais simplicidade a história da feira e a repercussão da reportagem. O filme mescla elementos ficcionais com a realidade do lugar. Ao mesmo tempo em que a atriz atua como personagem principal da história, realiza-se entrevista com feirantes, freqüentadores do local, consumidores num ambiente real e sem direção a princípio. Demos notória importância ao material recolhido nas entrevistas de forma que o discurso dos participantes reforça a história e vice-versa. A escolha dos personagens seguiu os padrões utilizados nas produções audiovisuais como desenvoltura perante a câmera e, sobretudo, o conteúdo da fala. Além dos pré-selecionados, aproveitamos também as entrevistas que ocorreram sem pré-produção. O encontro bem sucedido com Francisco Alves, camelô que tinha uma visão dispare dos outros entrevistados, rendeu uma reorganização do roteiro de edição para o aproveitamento de sua fala.

A narrativa não se enquadra nos padrões de uma reportagem usual. Utilizamos a fala de anônimos para constatar uma realidade vivida por eles e não pré-julgada ou pretensiosamente analisada por um especialista. Não há lugar para o discurso da autoridade científica, o especialista tão afamado e aclamado nas mídias atuais. Buscamos a história do lugar também com os que conviveram e presenciaram o passado. Ainda que exista o depoimento de um estudioso da área da Baixada, ela se deu de uma forma inusitada. Sem a “presença” do mesmo. Há um discurso que simula uma entrevista feita somente em áudio, realizada num ambiente não favorável, o que resulta numa péssima documentação da fala do estudioso e da não utilização de seu depoimento pela personagem. Fotos compõem o espaço visual do encontro entre repórter e entrevistado. Fica clara a posição de ausente e distante do especialista. Bem diverso do que vemos freqüentemente nas matérias de televisão, ainda que as mais ousadas para o veículo utilizem pesquisadores ou especialistas mais polêmicos e desfeitos do ego do pesquisador.

Apesar da intenção em relacionar nossa produção com o meio televisivo, (não de maneira a induzir uma transformação nas reportagens audiovisuais, mas de forma a contribuir para ampliar modos narrativos e incentivar outros meios de interação com o emissor através da possibilidade de identificação do lugar de fala e proporcionar a expressão do receptor por outras formas) não buscamos uma comparação, muito menos uma substituição de narrativas. Propomos outros meios e possibilidade de falas, mesmo de modo primário e ainda incipiente.

O próprio nome do filme deixa clara nossa intenção de não rotular ou enquadrar nossa produção num estilo pré-determinado. Ao nos perguntarmos “Que diabos é isso?” - Diabehisso? – transferimos para o expectador a decisão de classificar ou não o que estão assistindo. A mistura de ficção e documentário não é um fato inédito, contudo ainda gera um

desconforto por dificultar nossa compreensão imediata do que está se passando. A escolha do nome envolve também a temática abordada. “Diabehisso?” é uma expressão largamente utilizada no Nordeste brasileiro. O que faz com que o título seja ainda mais adequado para nosso trabalho.

### **3. Real e Ficcional**

Discussões éticas e técnicas envolveram a definição de documentário desde o surgimento do cinema. Várias escolas, técnicas e estilos de filmagem se sucederam à disputa inicial entre Edison e Lumière – o radicalismo de Vertov e o seu Cine-olho e de Grierson e a função clássica e educativa do cinema; a oposição entre o cinema verdade de Jean Rouch e Edgar Mourin, e o cinema direto norte-americano; no Brasil, as semelhanças e diferenças entre os modos fílmicos de Eduardo Coutinho e João Salles, Arthur Omar e Jorge Furtado, por exemplo. No entanto, o gênero documentário continua sendo encarado com uma ânsia de verdade que pode ser tratada de diversas maneiras, embora não deixe de ser contaminado pelo subjetivismo de quem a conta.

Uma testemunha, uma palavra, um documento e a própria narrativa podem remeter aos fatos, a eles fazer referências e estabelecer relações, contudo, separam-se deles por meio de uma elaboração que, ainda que lhes seja relativa, processa-os na formas que não são mais as deles.  
(COMOLLI, Jean-Louis)

Analisando todos essas questões, o crítico e ensaísta norte-americano Bill Nichols criou uma forma de classificar os documentários baseada no modo de representação. Nichols estabeleceu seis tipos que abarcariam as diversas formas produção. O poético seria aquele que montaria fragmentos do mundo real de modo similar à poesia. Está bastante

associado às vanguardas modernistas da década de 20. O expositivo, modo mais didático, prima pela objetividade na execução da narrativa. Corresponde ao documentário clássico, no qual o argumento é veiculado por letreiros ou pelo comentário off e as imagens servem para ilustrar o que foi dito. O terceiro tipo de documentário seria o de observação, cuja denominação é auto-explicativa. O espectador é colocado na posição de observador ideal, o roteiro é suprimido e o diretor adota a política da não-intervenção. O tipo participativo é o que entrevistaria ou interagiria com os personagens. O relacionamento entre a equipe de produção e os participante é clara e explícita. O tipo reflexivo questionaria a própria forma do documentário, juntamente com o produto, os filmes apresentam o produtor e o processo de produção. Por fim, o tipo performático de documentário enfatizaria questões subjetivas do realizador.

Embora a análise de Nichols tenha se tornado uma referência no estudo do cinema documentário, Darin lembra que essa não é uma classificação prática e inflexível. Em muitas produções estão presentes elementos de um e outro modo de representação. Esse é apenas um mecanismo teórico aplicado de forma generalizada que facilita a comparação e a análise de documentários.

No que diz respeito ao Diabehisso?, se analisado sob o prisma de Nichols, percebe-se que utilizamos em maior escala a técnica de produção interativa, pois está claro, em todos momentos da parte documental de nosso trabalho, que os personagens foram estimulados a falar e criaram seu discurso, conscientes da presença da câmera e do objetivo do filme. No entanto, nossa interferência foi contida para não contaminar ainda mais o discurso dos atores sociais e nossa presença no filme se dá de forma implícita. Nossa opção pelo uso da inserção dramaturgica não se encaixa na classificação em modos de representação, já que nossa proposta é não se ater a nenhum dos seis métodos apresentados pelo autor. Num jogo de

correlações, a inserção de informações factuais no término do filme ressalta outra particularidade intrínseca da estética clássica. A personagem principal, Joana, poderia também ser comparada aos locutores que conduzem a narrativa do modo expositivo. Pode ser entendida como a voz off que direciona e contextualiza o documentário clássico. Talvez não como o questionamento do modo de representação reflexivo, que foca a produção cinematográfica enquanto o filme era produzido, mas como uma meta-narrativa jornalística. Da mesma forma, ela é o nosso canal de reflexão. Mostrar o processo de elaboração e confecção de uma reportagem, enquanto efetivamente ela é feita.

O que se convencionou definir como documentário, por sua história revela sua intrínseca relação com o real. Fato que não exclui a possibilidade de inserção dramática e uso de ficção em uma produção que pretende registrar uma dada realidade. Sem a preocupação com a extrema fidelidade, com a exatidão de gestos gastos pelas refilmagens ansiosas pelo espontâneo, o filme se torna o documento de uma interpretação, a representação da nossa visão – ou da versão de outros – a respeito dos acontecimentos ou de uma situação que se quer apresentar. A ficção, diga-se de passagem, não só no cinema, mas também na literatura, carrega uma filosofia em sua essência. Filosofia ou opinião, seja qual for o nome que advém de uma realidade não tão próxima do fato, mas que pode ajudar a exprimir de forma mais visível o ponto em que se quer chegar.

É nessa justificativa que se baseia toda a trama formulada para registrar a realidade: uma feira que ao mesmo tempo em que se mostra, é mostrada, reformulada e contata por meio de um mosaico montado a partir da nossa percepção das peças heterogêneas – reais e ficcionais – encontradas nas pesquisas e visitas que realizamos na feira. Essa posição fica clara logo na abertura do filme, na qual diferentes elementos da

feira são apresentados e se torna explícita também nossa opção por enfatizar a figura dos feirantes.

Durante a edição, tentamos manter, na medida do possível, a espontaneidade dos entrevistados e a integridade do discurso individual, sem intercalações temáticas. Assim sendo, traçamos linhas próprias de opiniões para marcar cada depoimento com uma característica personificada. Por exemplo, o senhor Aduino, homem de boas relações com o poder público, relata como se beneficia com suas “amizades” ao conseguir obter quatro pontos de venda na parte mais privilegiada da feira. Dona Lurdes, por outro lado, ex-camelô se mostra indiferente a questões políticas. Ignora o destino da taxa arrecada pelo “uso do solo” e o aluguel do tabuleiro. O terceiro depoimento é de Francisco Alves. Ambulante, vendedor de doce de leite, ele mostra-se como o mais crítico em relação aos esquemas eleitoreiros e populistas aplicados por candidatos em véspera de eleição. Já a barraqueira Corina revela-se orgulhosa de ser caxiense e de fazer parte de um projeto classificado por ela como de sucesso – o Forró na Feira.

Infelizmente, muitas opiniões e depoimentos ficaram de fora para não prejudicar a narrativa ou fugir do conceito curta-metragem, além da preocupação em comprometer nosso foco na questão política. Como já foi dito, muitos caminhos poderiam ser explorados devido à riqueza do lugar. Elegemos um. Talvez não seja o melhor ou mais significativo, mas tentamos ser coerentes com a escolha que fizemos. Outras produções poderão ser realizadas. As possibilidades estão todas lá.

#### 4. Orçamento

**Figura 1**

<b>Custos operacionais das bases de produção</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Telefones	300,00	200,00	
Despesas com internet	300,00		
Material de escritório	200,00	40,00	
Luz, água	200,00	100,00	
<b>Subtotal</b>	<b>1.000,00</b>		

**Figura 2**

<b>Pré-produção</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Fotógrafo	500,00	-	Realizado pelas alunas
Pesquisas locais	300,00	30,00	Realizado pelas alunas
Roteiro/texto	8.656,98	-	Realizado pelas alunas
Telefone	200,00	50,00	-
Livros, jornais, fotocópias	150,00	100,00	Compra de livros não encontrados na rede de bibliotecas da universidade ou que precisavam ser lidos durante a greve dos funcionários federais ocorrida no ano de 2004. Acompanhamento de matérias condizentes com o tema do trabalho 65veiculadas pelos jornais cariocas.
<b>Subtotal</b>			

**Figura 3**

<b>Produção</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Figurino	400,00	-	Recursos Próprios
Gratificações, estacionamento	-	20,00	Gasto não previsto no orçamento inicial
Passagens	100,00	40,00	Recursos próprios
Alimentação	200,00	30,00	Recursos próprios
<b>Subtotal</b>	<b>700,00</b>	<b>90,00</b>	

**Figura 4**

<b>Transporte</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>

Carro – gasolina para 5 dias	300,00	200,00	
Ônibus – passagem para 5 dias de filmagem	100,00	96,00	O valor se refere ao deslocamento de parte da equipe
Táxis	-	20,00	Gasto não previsto no orçamento inicial
<b>Subtotal</b>	400,00	316,00	

**Figura 5**

<b>Cenografia</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Contra-regra	448,80	-	Participação voluntária
Estúdio de filmagem	500,00	-	Espaço cedido gratuitamente
Encargos	10%	-	Não cobrados
<b>Subtotal</b>			

**Figura 6**

<b>Equipe*</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Diretor	888,10	-	Realizado pelas alunas
Assistente de direção	365,65	-	Realizado pelas alunas
Diretor de fotografia	759,90	-	Realizado pelas alunas
Assistente de câmera	237,90	-	Realizado pelas alunas
Diretor de produção	575,00	-	Realizado pelas alunas
Assistente de produção	313,45	-	Realizado pelas alunas
Diretor de arte	575,00	-	Realizado pelas alunas
Figurinista	543,32	-	Realizado pelas alunas
Som direto	620,25	-	Realizado pelas alunas
Eletricista	270,00	-	Realizado pelas alunas
Maquiador	332,45	-	Participação voluntária
Continuista	548,50	-	Realizado pelas alunas
Encargos	10%	-	Não cobrados
<b>Subtotal</b>	5.655,17		-

\* Utilizamos como base a tabela disponibilizada pelo Sindicato dos técnicos de cinema

**Figura 7**

<b>Elenco</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Ator	500,00	-	Participação voluntária
Atriz	500,00	-	Participação voluntária
Papel secundário	300,00	-	Participação voluntária
Encargos	10%	-	Não cobrados
<b>Subtotal</b>	1.560,00	-	



**Figura 8**

<b>Alimentação</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Café da manhã (2 dias)	200,00	40,00	Recursos próprios
Almoço (5 dias)	300,00	50,00	Recursos próprios
Lanche (5 dias)	300,00	40,00	Recursos próprios
Jantar (5 dias)	300,00	40,00	Recursos próprios
<b>Subtotal</b>	<b>1.100,00</b>	<b>170,00</b>	

**Figura 9**

<b>Equipamentos</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Câmera completa	1.500,00	-	Equipamento cedido pela UFRJ
Gravadores/microfones	300,00	-	Equipamento cedido pela UFRJ
Câmera fotográfica digital	2.000,00	-	Recursos Próprios
Iluminação	1500,00	-	Luz Ambiente
<b>Subtotal</b>	<b>5.300,00</b>	<b>-</b>	

**Figura 10**

<b>Produção de som</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Estúdio de mixagem	500,00	-	Estúdio da CPM
Sonoplasta*	338,50	-	Participação voluntária
Trilha (aquisição de CDs)	200,00	-	Recursos Próprios
Direitos autorais		-	Não solicitados
<b>Subtotal</b>			

\*Base para cálculo tabela cedida pelo Sindicato dos técnicos de cinema

**Figura 11**

<b>Produção de Imagem</b>			
	<b>Orçado R\$</b>	<b>Real R\$</b>	<b>Observações</b>
Fitas mini-DV (8 fitas adquiridas)	240,00	129,00	Fitas adquiridas durante período de promoção que causou a redução de preços
Editor/edição	759,90	-	Edição voluntária realizada pelos alunos da ECO
Direitos autorais		-	Não solicitados
Cópias – 3 fitas VHS	100,00	30,00	Adquiridas por preço promocional
<b>Subtotal</b>	<b>1099,90</b>	<b>159,00</b>	

## **5. Metodologia**

### **5.1. Pré-Produção**

A pré-produção talvez tenha sido uma das etapas mais elaboradas do projeto. Desde a descoberta da feira através de uma notícia de um jornal popular, às entrevistas e pesquisas no Instituto de Pesquisas e Análise da História da Baixada - IPAHB, cada passo foi bem planejado. Após decidirmos o foco do projeto, entramos em contato com a Secretaria Municipal de Cultura do Município de Duque de Caxias para colhermos informações sobre a feira e sua organização. Atualmente, o cadastro dos feirantes é feito através da Secretaria da Receita Fiscal da Prefeitura e o projeto Forró na Feira é organizado pela Secretaria da Cultura. Conversamos com funcionários das duas Secretarias, além da Secretaria de Comunicação Social.

Além de órgãos oficiais e encontros com os fiscais da feira livre, visitamos o IPAHB para conhecer melhor a história da região e montar um cenário mais adequado para a história que começava a se delinear em nossas mentes.

O processo de pré-produção se deu de forma intuitiva por não termos, até então, nenhuma experiência semelhante durante o curso de jornalismo e por não havermos, até a metade do processo, escolhido nossa orientação.

Ao acertamos nossa orientação com o professor Fernando Salis, o roteiro original sofreu modificações e se tornou necessário o acréscimo de mais um personagem, além da protagonista Joana. Isso significava, contudo, que teríamos que encontrar e preparar mais um ator. A atriz já estava escolhida e interada do projeto. Decidimos por um papel masculino e começamos a procurar por atores que se encaixavam na descrição do personagem (homem negro, entre 20 e 25 anos) e estivesse disposto a participar

voluntariamente de uma produção universitária. O fato de não termos muitos contatos na área teatral, dificultou o processo. Nosso procedimento foi colar cartazes pedindo atores na ECO e em cursos de interpretação, além de telefonar para companhia teatrais. Nossa procura acabou quando resolvemos expandir nosso universo de opções para além da cidade do Rio de Janeiro. Começamos por Duque de Caxias, nossa locação principal e objeto de estudo. Por intermédio do senhor Ediélio Mendonça, diretor do Teatro Procópio Ferreira, localizado em Caxias, conseguimos a peça que faltava.

Com a finalização do roteiro e a escolha do elenco, a etapa seguinte se configurou de forma agilizada: entravamos na fase de produção.

**Figura 12 Cronograma**

	<b>Início</b>	<b>Termino</b>	<b>Total /dias</b>
<b>Pesquisa bibliográfica e videográfica</b>	15/05/2004	15/08/2004	90
<b>Coleta de dados oficiais sobre o assunto</b>	06/2004	08/2004	60
<b>Seleção dos participantes</b>	11/09/2004	15/09/2004	4
<b>Entrevistas preliminares com os ambulantes</b>	20/07/2004	01/08/2004	11

<b>Estudo e elaboração de roteiro de locação e entrevistas</b>	15/08/2004	31/08/2004	16
<b>Solicitação de equipamento de filmagem da ECO/UFRJ</b>	05/10/2004	-----	-----
<b>Compra de fitas mini DVs</b>	10/10/2004	-----	-----
<b>Pedido de autorização de filmagem</b>	15/10/2004	-----	-----
<b>Orçamento</b>	15/08/2004	20/08/2004	5

## 5.2. Produção

Algumas visitas e entrevistas preliminares foram fotografadas gravadas em fita K7, como a finalidade de se tornar mais um recurso de linguagem empregado no filme.

A opção pelo documentário com elementos ficcionais nos possibilitou o contato com outras linguagens e experiências como direção de atores, figurino, trabalho de continuísta entre outros. As gravações foram otimizadas para dois finais de semana (um no mês de setembro e outro em outubro), uma vez que a feira só era realizada aos sábados e domingos e nossos horários livres não coincidiam com os dos atores. Foram quatro dias de filmagem em ambiente externo e um dentro de um apartamento que simula a casa da personagem

principal. Os equipamentos foram cedidos pelo Centro de Produções Multimídias / Eco – UFRJ e os monitores do laboratório de audiovisual foram os cinegrafistas.

**Figura 13**

	<b><u>Dias de Gravação</u></b>				
	25/9/2004	26/9/2004	10/10/2004	11/10/2004	12/10/2004
<b>Equipe</b>	Diretoras Cinegrafista Contra-regra	Diretoras Cinegrafista Contra-regra	Diretoras Cinegrafista Contra-regras Elenco	Diretoras Cinegrafista Contra-regras Elenco	Diretoras Cinegrafista Contra-regras Elenco
<b>Hora início</b>	19:00	9:00	18:00	9:00	14:00
<b>Hora termino</b>	22:00	14:00	21:00	13:00	21:00
<b>Localção</b>	Caxias	Caxias	Caxias	Caxias	Apartamento Copacabana

### **5.3. Pós-produção**

Foram gastas mais de 50 horas de finalização entre decupagem do material e edição de imagens. Todo o trabalho foi realizado no laboratório multimídia da Escola de Comunicação com a ajuda dos monitores e supervisão do professor Fernando Salis. Apesar de se apresentar como uma das etapas mais extenuantes do trabalho, a organização anterior facilitou o processo. A versão final provavelmente sofrerá modificações e acréscimo de efeitos para alguma eventual projeção em mostras universitárias ou veiculação na internet.

**Figura 14 Horas de Pós-produção**

	<b>Horas previstas</b>	<b>Horas feitas</b>
<b>Decupagem</b>	15	30
<b>Gravação</b>	8	6
<b>Edição</b>	30	24

**5.3.1 Créditos**

Prof. Orientador: Fernando Salis

Direção: Nathália de Oliveira

Viviane Nascimento

Produção: Nathália de Oliveira

Viviane Nascimento

Roteiro: Nathália de Oliveira

Viviane Nascimento

Camila Anacleto

Câmera: Carlos

Nathália de Oliveira

Viviane Nascimento

Edição: Joanna da Hora

Maíra

Atores: Edílson Sales

Camila Anacleto

Fotos: Nathália de Oliveira

Viviane Nascimento

Pesquisa musical: Saulo Iris Oliveira

Mixagem: Juliana Paixão

Alexandre “fifó”

Arte: Nathália de Oliveira

Motorista: Jonas Barbosa

### **5.3.2- Músicas**

“A cidade” – Chico Science

(Chico Science)

“A Construção do Mundo” – Cordel do Fogo Encantado

(autor desconhecido)

“Algodão/Caminho da Roça” – Dominginhos

(Zé Dantas/Luiz Gonzaga/Raimundo Fagner)

“Caxinguelê” – Dominginhos

(Clésio - Dominginhos)

“Malungo” – Nação Zumbi e Jorge Ben Jor

(Letra: Jorge du Peixe / Bolla 8 / Fred Zero Quatro / Marcelo D2 / Falcão

Música: Nação Zumbi)



## 8. Referências

- BALTAR, Mariana . Reflexões Sobre O Lugar Do Documentário. In: Digitagrama-Revista Acadêmica De Cinema. Revista On Line. Ano 2, Número 2. 1º Semestre De 2004. [Http://Www2.Estacio.Br/Graduacao/Cinema/Digitagrama/Numero2/Reflexoes.Asp](http://Www2.Estacio.Br/Graduacao/Cinema/Digitagrama/Numero2/Reflexoes.Asp)
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia: Construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- COSTA-VELHO, Laís. *Caxias Ponto a Ponto*. Rio de Janeiro: Editora Agora, 1965.
- COMOLLI, Jean-Louis. *Sob o Risco do Real*. In.: *Catálogo forumdoc.bh.2001 – 5º Festival do Filme Documentário e Etnográfico*. Belo Horizonte, 2001.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- FORTES, Maria do Carmo Cavalcanti. *Tenório, o Homem e o Mito*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- GRYNSPAN, Mário. “Os Idiomas da Patronagem: Um Estudo da Trajetória de Tenório Cavalcanti” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, número 14. Rio de Janeiro: Vértice/ANPOCS, Outubro de 1990.
- HERSEY, John. *Hiroshima*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2002.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários nos Tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- LEITE, Francisco Barboza. “O Pau-de-Arara” in *Tipos e Aspectos do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975.
- LORETO, Valéria Mariz. *Televisão e Nordestinos: identidade regional e leitura diferenciada*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado ECO/UFRJ, 2003.
- MACIEL, Luiz Carlos. *O Poder do Clímax*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MOSS, Hugo. *Como Formatar seu Roteiro – Um pequeno guia de Máster Scenes*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2002.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Como Contar Um Conto*. Rio de Janeiro: Casa Jorge editorial, 1995.
- RIBEIRO, Alex. *Caso Escola Base – Os Abusos da Imprensa*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

“Baixada Cabra da Peste”. Jornal O Dia, Caderno da Baixada, 06.06.2004, p 3-14.

“Rio volta a atrair retirantes”. Site: No Mínimo, 08.06.2004, página principal.

## 9.Referências Cinematográficas

Abaixo estão relacionados os filmes, de curta ou longa duração, que abordam os temas propostos. Utilizamos como recurso a fusão de ficção e realidade para mostrar a relação estabelecida entre prefeitos do município de Duque de Caxias e feirantes da mais antiga feira livre da cidade, ao passo que discutimos a prática jornalística.

De um lado está a ficção voltada para o universo jornalístico. Os obstáculos práticos e éticos da profissão, exemplificados nas produções listadas, são semelhantes aos encontrados pela protagonista do filme. É através da história de Joana que o filme se desenvolve e conta como a feira se destaca no contexto cultural da Baixada Fluminense.

De outro, as manifestações populares, dado real de característica documental, também são objeto de estudo.

Longas de ficção:

✓ **Todos os homens do presidente**

Ficha técnica

Nome original: All the President's Men

Ano:1976

Duração: 138 minutos

Gênero: Drama

✓ **Quarto Poder**

Ficha técnica:

Nome original: Mad City

Ano: 1997

Duração: 115 minutos

Classificação: Drama

✓ **Mera Coincidência**

Ficha técnica

Nome original: Wag the Dog

Ano: 1997

Duração: 97 minutos

Gênero: Comédia

✓ **O Informante**

Ficha técnica

Nome original: The Insider

Ano: 1999

Duração: 160 minutos

Gênero: Drama

✓ **A Montanha dos Sete Abutres**

Ficha técnica

Nome original: Ace in the hole

Ano: 1951

Duração:

Gênero: Drama

✓ **A primeira página**

*Nome original:* The Front Page

*Ano:* 1974

*Duração:* 105 minutos

*Gênero:* Comédia

*Direção:* Billy Wilder

**Documentários:**✓ **Roque da Paraíba**

Ficha Técnica:

Local: Nova Iguaçu, RJ · 1989 ·

Gênero: Perfil

Duração: 10'38"

Produção: TV Maxambomba · Direção: Breno Kuperman

✓ **Vaquejada**

Ficha Técnica

Nova Iguaçu, RJ · 1990 · NTSC

Gênero: Reportagem

Duração: 08'12"

Produção: TV Maxambomba

✓ **Praça do Pacificador**

Ficha Técnica

Nova Iguaçu, RJ · 1993 · NTSC ·

Gênero: Reportagem

Duração: 13'07"

Produção: TV Maxambomba

✓ **Crônica**

Ficha Técnica

Brasil, 1991, 16mm

Gênero: Documentário

Duração: 10'

✓ **Tem que Ser Baiano?**

Ficha Técnica

Brasil, 1993, Vídeo

Gênero: Documentário

Duração: 32'

**Documentário/Ficção**

✓ **Preconceito contra o nordestino?**

Ficha Técnica:

Nova Iguaçu, RJ · 1991 · NTSC

Gênero: Reportagem-ficção

Duração: 11'46''

Produção: TV Maxambomba

✓ **Floresta da Tijuca**

Ficha Técnica:

Brasil, 1992, 35mm

Gênero: Documentário, Ficção

Duração 31'

Cor Colorido

✓ **Merréis**

Ficha Técnica

Minas Gerais, 2000, Vídeo

Gênero: Ficção / Documentário

Duração: 10 min.

✓ **Brevíssima História das Gentes de Santos**

Ficha Técnica

Brasil, 1996, 16mm

Gênero: Documentário, Ficção

Duração: 14'

## Apêndices

### 10.1 Roteiro de Ficção

Abertura – imagens da feira que aparecem num quarto de tela. Confusão de imagens e audio. No canto direito o depoimento de um dos feirantes dizendo que sem a feira ele não poderia viver.

Fade out – trilha sonora – “A cidade” - Chico Science

Logo do filme

Cena 1 – Rua Duque de Caxias – dia – Joana e pedestres. O celular toca. Joana atende.

JOANA  
oi...(pausa)...Não,não dá.  
Faz o seguinte: vai lá  
pra casa e depois a gente  
conversa. Eu estou indo  
pra Caxias. É, tô  
trabalhando...tá bom..tchau.

Cena 2 – ônibus arrancando  
Fim da trilha

Cena 3 – Insert áudio de fita cassete sendo colocada no deck.

Insert áudio de Guilherme e em seguida Joana reclama da fita.  
Insert áudio de fita sendo rebobinada. Joana fala que vai escrever a matéria com suas lembranças da entrevista.

Cena 4 – sala casa de Joana - noite – Joana e André

Joana  
O que aconteceu de  
tão urgente?  
Perdeu o emprego  
de novo?

André  
Você poderia ganhar  
muito dinheiro

Como vidente...

Joana  
Assim não dá, André.  
Você pulando de  
Emprego em emprego...  
o que foi agora?  
Faltou ao trabalho? Bebida?  
Brigou com alguém?

André  
Dessa vez a culpa  
não foi minha.

Joana  
Nem dessa,  
nem das outras, não é?  
Eu te conheço.

Cena 7 – corredor casa – noite – Joana  
Joana sai da sala e se dirige para seu quarto.

Cena 8 – sala casa – noite – André  
André senta no sofá e fala com a cabeça empinada e com a voz alta

André  
Não tive a sorte de  
trabalhar em lugares  
Tão bons...eu trabalho  
é por obrigação  
Não sou que nem você  
que ama serviço

Cena 9 – corredor - casa – noite – Joana  
Joana volta do quarto com uma toalha na mão.

Cena 10 – sala – casa – noite – Joana e André  
Joana pára em frente a André e se zanga

Joana  
Eu também trabalho  
por obrigação.  
E quer saber? Nem emprego  
garantido eu tenho.



André  
 Mas você disse que  
 estava trabalhando  
 num jornal.

Joana  
 Num jornal não,  
 PARA um jornal.

André  
 Ta fazendo  
 o que lá?

Cena 11 – close Joana  
 Joana olha para o irmão ri e diz com tom irônico

Joana  
 Fazendo uma  
 matéria.

Cena 12 – sala – noite – André e Joana

André  
 Você disse que  
 ia para Caxias

Joana  
 Por isso mesmo.

André  
 Vai falar sobre  
 o quê lá?

Joana  
 A História  
 Da Feira.

Cena 13 – sofá/sala – noite – André e Joana  
 Joana se aproxima e senta perto do irmão. A conversa segue num tom de confiança.

André  
 Tava precisando de  
 uma ajuda sua. Posso ficar

por aqui alguns dias?  
Tô sem lugar pra morar

Joana  
Mais essa...fica, André.

Os dois brincam um com outro.  
Fade out

Cena 15 – quarto – dia – close dedos de Joana digitando

Cena 16 – feira de Caxias – dia –imagens da feira (insert fotos e Trilha - )  
Insert imagens das fotos da feira.  
Depoimento S. Adauto.  
Corte seco

Cena 17 – quarto – dia – André

André  
Um tal de Marcos  
te ligou.  
Disse pra você  
ligar pra ele  
assim que der...

Joana faz que não escuta o irmão  
André dá de ombros e sai

Cena 18 – quarto – dia – Joana  
Ela liga ao celular

Joana  
Oi Marcos. Sim,sim,  
eu fiz as entrevistas  
PAUSA

Joana se levanta da poltrona

Joana  
Acontece que eu encontrei  
outras pessoas que podem  
dar depoimentos importantes...  
tem um outro lado que precisa  
ser ouvido

Joana  
Eu sei que não foi

esse o combinado,  
mas é um fato que  
não dá para omitir.

Cena 19 – quarto – dia – Joana

Joana perambula pelo quarto um pouco nervosa. Close em seu pé.

Joana

Tá, a história da feira  
está pronta, sim.

Joana

Marcos, eu só te peço  
mais três dias,  
vou recolher outras  
informações...

Insert trilha - Caxinguelê

A discussão continua com Joana ao celular

Cena 20 – feira de Caxias – dia – Joana, feirantes e frequentadores

Passeio de Joana pela feira com imagens e entrevistas.

Insert depoimento de D. Lurdes

E Seu Francisco

Cena 21 – feira de Caxias – dia – Cabos eleitorais

Imagens de bandeiras e propaganda política

Cena 22 – feira de Caxias – dia – feirantes e imagens da feira

Cena 23 – Joana lê sentada na cama.

Cena 24 – quarto – dia – André

André entra no quarto e senta no sofá.

André

Tive uma idéia de como  
arranjar um emprego.  
Você é que vai ajudar seu  
irmãozinho aqui.

Joana

Não me atrapalha,  
que eu estou trabalhando.

André

É rápido. Sabia  
que eu poderia  
dar um ótimo  
jornalista?

Cena 25 – close Joana  
Joana pára de ler olha o irmão e ri.

Joana  
André, eu não estou  
brincando. Já estou  
atrasada, preciso terminar isso.

André  
Eu to falando sério.  
O negócio não é falar bem,  
Ser boa pinta...mostrar o  
que ta acontecendo  
por ai? Tranquilo.  
E além disso nem  
precisa de diploma...mole, mole..  
fala com seu chefe,  
vai ver ele  
arranja uma vaguinha

Cena 26 – quarto – dia – André  
Joana se vira para André.

Joana  
Eu vou fingir que não escutei isso.  
Segundo,ele não é meu chefe,  
será que é difícil entender?

André  
Você anda tão estressada.  
Brigou com alguém?  
Com esse Marcos?

Joana  
Já era para eu ter  
entregado o trabalho.  
Mudei o enfoque e  
ele não aceitou.  
Não queria fazer só  
uma historinha  
tradicional do lugar...

A feira é mais rica do  
 Que ele imagina. Teve  
 Uma reformulação que ajudou  
 Muita gente mas prejudicou  
 Outras. Isso tem a ver  
 Com a política da cidade.

André  
 Ih... política?  
 Sei não Joana...  
 Você falou isso  
 com seu chefe?

Cena 27 – quarto – dia – Joana  
 Joana se volta para André.

Joana  
 Falei e ele não concorda.  
 O jornal não quer se  
 comprometer...  
 os principais leitores  
 são de Caxias

André  
 Ué! Então era  
 pra sair.  
 Isso não é do  
 interesse do pessoal?

Cena 28 – quarto – dia – Joana  
 Joana sorri e volta a ler

Joana  
 Dos moradores sim,  
 mas do jornal não.

André  
 Mas... peraí, você não  
 disse que era uma feira?  
 Então você teria que falar  
 sobre bananas e laranjas,  
 sei lá, chuchu

Joana

Isso é o que você pensa...

Cena 29 – quarto – dia - Joana

Joana se cala pensativa e levantando-se da cadeira sorrindo.

Joana

Vamos conferir?

Insert trilha – “Algodão”

Cena 30 – feira de Caxias – dia – Joana, André e feirantes

Joana e André passeiam entre as barracas. Compram, comem, dançam. Joana faz algumas entrevistas.

Insert depoimento D. Corina

Cena 31 – feira de Caxias – noite – André

No forró, André tira algumas mulheres para dançar, conversar com algumas, canta outras. Joana chega e eles discutem.

trilha

Cena 32 – casa de Joana – noite – Joana e André entram em casa

André

Você viu que eu mandei  
bem no forró, né?  
Muito legal o lugar.

Joana

Você sempre arrumando  
Confusão...não  
Viu que aquela mulher  
Era casada?

Cena 33 – sala de Joana – noite – Joana e André

André pega a irmã pela cintura e dança com ela.

André

Dançar não tira pedaço  
De ninguém, Joana...  
Relaxa...

Cena 34 – sala – noite – Joana e André

Eles param de dançar e André estende os braços

André

Me diz  
quando foi que te  
Dei trabalho?

Joana  
Você não tem jeito

Cena 35 – sala noite – Joana e André  
André se senta no sofá.

André  
Quanta gente..né?  
Deve rolar uma  
Grana na feira...

Cena 36 – corredor – noite – Joana  
Joana se dirige para seu quarto, joga a bolsa em sua cama e  
senta na poltrona.

Cena 37 – sala/corredor – noite – André  
André segue a irmã até o quarto.

Joana  
Nem tanto...  
É mais pro sustento  
De quem trabalha.  
O município não arrecada  
Nada com a feira

André  
Ah, to entendendo...  
Por isso que a Renatinha  
Disse que ia ter  
Que mudar de lá.

Cena 38 – quarto – noite – André  
André se joga na cama de Joana

André  
A Renatinha  
É um mulherão...ela  
Trabalha lá e  
Disse que queriam  
Mudar a feira  
De lugar...

Cena 39 – rosto de Joana pensativa

Joana  
O que você achou  
da feira, André?

André  
Eu gostei,  
tem mulher,  
boa comida

Joana  
Você reparou como as pessoas trabalham?  
Como há uma hierarquia?

André  
Ih, foi mal. Tava  
pensando na Renatinha

Joana  
Fui te mostrar a feira  
E você preocupado com  
A Renatinha? Você poderia,  
Pelo menos, me ajudar uma vez  
Na vida, André?

Cena 40 – quarto – noite – André  
André se levanta da cama nervoso

André  
Ela é só mais uma  
Amiga...e você  
Em vez de brigar  
Comigo,vai brigar  
Com aquele marcos

Joana  
Primeiro fala direito comigo  
E outra, você não precisa  
Me dizer o que fazer.  
Eu já decidi...

Cena 41 – quarto – noite – André  
André faz uma careta e sai do quarto  
Corte seco

Cena 42 – quarto – noite – Joana  
Joana deita na cama.



Insert depoimento entrecortado dos feirantes. Joana se revira na cama, ela se levanta e não dorme. Joana apaga o abajour.

Fade out.

Cena 43 – quarto – dia – Joana

Close celular tocando. Joana acorda e atende

Joana

Oi...sou eu, Joana.

Tudo bom?

Pausa

Isso, é essa mesma.

O que você acha?

Cena 44 – quarto – dia – Joana se levanta da cama.

Cena 45 – quarto – dia - André escreve no computador.

Joana entra no quarto falando ao celular.

Joana

Marcos, eu não vejo

problema nisso...

Não há necessidade

de...eu sei que

saí um pouco da pauta... claro

que isso importa...

Pausa

Joana

Eu estou fazendo

Muito mais do

Que foi pedido...

Por que você não

Aceita uma sugestão?

É claro que dá

Matéria e muito melhor

Do que essa...

PAUSA

Joana

Marcos, faz o que

Você quiser...as duas

Reportagens estão aí...

A escolha é sempre sua

Não, é?

Joana desliga o telefone e encara o irmão. A imagem se desfoca.  
 Fade out

Cena 46 – apartamento de Joana – dia – André  
 André chega com bolsas de supermercado e com um jornal. Deixa as sacolas no chão e senta no sofá. Pega o jornal. Abre a página central, folheia. Pega outro caderno, folheia. Foco na manchete com o título Cabra da Peste.

André  
 Então, isso que é jornalismo?  
 Cabra da peste?

Cena 47 – sala – dia – Joana  
 Joana passa, se abaixa, olha a reportagem com ironia.

Cena 48 - close Joana e André.

Joana  
 Isso é o mercado. Gostou do novo título?

Trilha - “Malungo”

FADE IN

A FEIRA LIVRE DE DUQUE DE CAXIAS É CONHECIDA COMO UMA DAS  
 MAIORES FEIRAS LIVRES DO BRASIL.

FADE OUT

FADE IN

APROXIMADAMENTE MIL FEIRANTES ESTÃO CADASTRADOS E TRABALHAM  
 COM LICENÇA DA PREFEITURA.

FADE OUT

FADE IN

NÃO EXISTEM DADOS OFICIAIS SOBRE O COMÉRCIO AMBULANTE QUE  
 TAMBÉM FAZ PARTE DA FEIRA.

FADEOUT

FADE IN

OS FEIRANTES PAGAM UMA TAXA ANUAL DE 47 REAIS PARA O MUNICÍPIO

FADE OUT

FADE IN

A TAXA É CONHECIDA COMO “USO DO SOLO” E PAGA A MANUNTENÇÃO E  
 LIMPEZA DO ESPAÇO FÍSICO DA FEIRA.

FADE OUT

FADE IN

DUQUE DE CAXIAS OCUPA O SEGUNDO LUGAR NO RANKING DE  
ARRECAÇÃO DE ICMS DO ESTADO

FADE OUT

FADE IN

PERDE SOMENTE PARA A CAPITAL, DE ACORDO COM PESQUISA DA  
FUNDAÇÃO CIDE.

FADE OUT

Créditos finais

Fim.

## 10.2 Material Gráfico do Filme

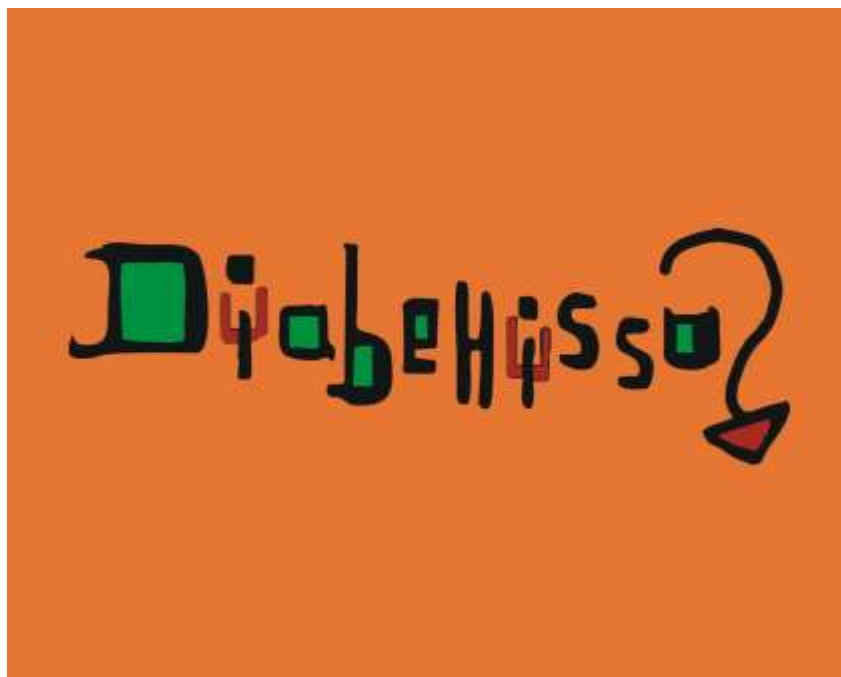


Figura 15 -logotipo do filme



Figura 16- capa do filme

### 10.3 Pauta de Entrevista com Feirantes

Como teve início o trabalho na feira?

Qual função exerce?

É natural de Duque de Caxias?

Tem descendência ou é nordestino?

Há quanto tempo trabalha na feira?

Como conseguiu a barraca?

Qual a importância da feira?

Quem são seus clientes?

Conseguem tirar seu sustento exclusivamente da feira?

Gosta de trabalhar nesse ramo?

Tem família?

Onde moram?

Tem filhos?

Eles frequentam a feira?

Trabalham nela?

O que acha da organização da feira? Há algum prejudicado com essa organização?

A Prefeitura Municipal privilegia os feirantes?

Já teve algum problema com fiscais?

Quais são as suas expectativas em relação ao projeto de extensão da feira?

Gosta de política? Acompanha as decisões do prefeito, da política local?

Assiste televisão? Se sente representados pela novela “Senhora do Destino” da Rede

Globo na qual a trama se passa na Baixada Fluminense?

#### **10.4 Pauta da entrevista realizada com Guilherme Peres de Carvalho, professor e pesquisador do Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense – IPAHB.**

Formado em Artes Gráficas, Artista Plástico, pesquisador da História da Baixada Fluminense, membro das Academias de Letras e Artes de São João de Meriti e Nova Iguaçu, Guilherme nos recebeu na sede do IPAHB e nos deu o contexto histórico do surgimento da feira, apresentando alguns registros antigos, como gravuras e jornais de décadas passadas. A entrevista comprovou a importância do local para a História do município de Duque de Caxias e, conseqüentemente, para a Baixada Fluminense. No entanto, o pesquisador deixou claro que não há como precisar a data correta do início do funcionamento da feira, mas é possível estabelecer um paralelo com o começo da circulação dos trens na região. Contudo, o molde atual da feira, caracterizada como nordestina, segundo Guilherme, foi adquirido a partir da década de 40 com a intensificação da imigração de nordestinos para o Sudeste.

- Desde quando a feira existe?
- Como ela começou? (fale sobre a relação com a linha férrea e a imigração nordestina para a Baixada)
- Existe algum registro da época?
- Pode citar algum personagem importante da região que se relacione com a feira-livre?
- Que tipos de produtos eram comercializados no início?
- Qual a importância, histórica, econômica e social que a feira representa para a história de Duque de Caxias?

## **Anexo**

### **Páginas de internet visitadas**

Secretaria de Estado, Ciência e Inovação. Disponível em: [http:// www.secti.rj.gov.br](http://www.secti.rj.gov.br). Acesso em outubro de 2004.

Prefeitura de Duque de Caxias. Disponível em: [http:// www.duquedecaxias.rj.gov.br](http://www.duquedecaxias.rj.gov.br). Acesso em novembro de 2004.